



PROPOSIÇÕES PARA O ENSINO DA ESCRITA E REESCRITA DE TEXTO EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Cristiane Batistioli Vendrame¹

Luciana Figueiredo Lacanallo-Arrais²

10. Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: O presente estudo tem como tema o ensino da escrita e da reescrita de texto em contexto de pandemia. Objetivamos promover, por meio de estudos remotos, a compreensão acerca das orientações teórico-metodológicas para o encaminhamento de práticas pedagógicas que envolvem a apropriação da linguagem escrita. Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo, em que pesquisadores descrevem características de um determinado fenômeno. Primeiramente, anunciamos o referencial teórico tomado para consecução da proposta. Na sequência, discorremos acerca da metodologia empregada, considerando a participação efetiva de todos os envolvidos no processo. Posteriormente, trouxemos os resultados e discussões decorrentes do movimento de estudo e debate proposto aos participantes. Por fim, expomos as considerações finais, em que evidenciamos a possibilidade de estabelecermos encaminhamentos possíveis de serem desenvolvidos pelos alunos no ERE, a compreensão por professores de que a tecnologia pode ser uma aliada e não um empecilho ao ensino e a necessidade de dominarmos e empregarmos os meios digitais em nossas ações didáticas, superando seu uso a partir de um enfoque meramente instrumental em direção a um enfoque de desenvolvimento e aprendizagem.

Palavras-chaves: Linguagem escrita; Escrita e reescrita de texto; Pandemia; Ensino Remoto Emergencial.

Introdução

Os dois últimos anos serão lembrados e estudados ao longo das próximas décadas, isso porque a pandemia causada pelo Covid-19 espalhou-se rapidamente pelo mundo em 2020 e gerou a inédita situação de 100% da população estudantil estar isolada em todo o mundo. A pandemia levou os países a encontrarem alternativas para viabilizar ações de educação nas diferentes etapas educacionais. A pandemia gerou a necessidade, de forma inesperada, de organizar uma educação online, a qual se apresentou como um desafio a todos nas escolas: alunos, professores e famílias.

¹Doutora em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora da Educação Básica do Estado do Paraná. Contato: cris_ven_drame@hotmail.com

²Doutora em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Contato: lflacanallo@uem.br

Uma nova forma de pensar e de ensinar precisou ser construída, todavia o contexto brasileiro se deparava com professores que não sabiam ensinar online e nem havia um currículo adaptado para esse contexto, além de que uma parcela considerável da população não tinha acesso às tecnologias de informação e comunicação provocando dificuldades de alunos e professores para realizarem e participarem das aulas.

Todavia, foi preciso buscar alternativas que pudessem minimizar os impactos negativos da pandemia no que se refere aos aspectos pedagógicos sem colocar em risco a vida das pessoas. Dentre estas alternativas, foi feita disponibilização online de aulas; a distribuição de materiais impressos para alunos sem acesso à Internet; distribuição de equipamentos e acesso à internet; materiais didáticos em formato digital e a utilização de aplicativos para apoio pedagógico.

O desafio de buscar alternativas, justifica-se, pois:

Educação como elemento da maior relevância em qualquer tempo e, mais ainda, em tempos de crise sanitária inédita. Portanto, decidir pela inoperância da escola poderia significar não só a fragilização desse espaço institucional, mas também promover amplo crescimento de desigualdades diversas, pois estar longe da escola, mas em contato cotidiano com as suas ações pedagógicas é menos danoso do que não estar em qualquer contato com a escola ao longo de muitos meses de confinamento (ARRUDA, 2020, p. 264).

Assim, o presente relato constitui-se parte de um projeto de extensão, promovido durante o Ensino Remoto Emergencial - ERE que teve como objetivo promover, por meio de estudos remotos, a compreensão acerca das orientações teórico-metodológicas para o encaminhamento de práticas pedagógicas que envolvem a apropriação da linguagem escrita, bem como propiciar reflexões acerca da prática pedagógica com a escrita e reescrita de textos. Nossa intenção foi durante a pandemia, proporcionar aos futuros docentes e discentes, maior enriquecimento didático, viabilizando o conhecimento, elaboração e compreensão de encaminhamentos teórico-metodológicos que subsidiam a prática docente.

Pautados nas contribuições da Teoria Histórico-Cultural (THC), compreendemos que a linguagem não cumpre somente papel de comunicação entre indivíduos; é também meio. A linguagem é a síntese de todos os conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade, permitindo saltos qualitativos na vida do ser humano.

Dentre outros procedimentos metodológicos, foram realizadas leituras dirigidas de textos disponibilizados, antecipadamente, aos participantes, sessões de estudos quinzenais online com duração de duas horas e debates com base nas referências lidas pelos participantes, no intuito de gerar discussões por meio de questões problematizadoras e atividades complementares.

Para organização da exposição de nossas reflexões, primeiramente anunciamos o referencial teórico tomado para consecução da proposta. Na sequência, discorreremos acerca da metodologia empregada, considerando a participação efetiva de todos os envolvidos no processo. Posteriormente, trouxemos os resultados e discussões decorrentes do movimento de estudo e debate proposto aos participantes. Por fim, expomos as considerações finais, em que evidenciamos a possibilidade de estabelecermos encaminhamentos possíveis de serem desenvolvidos pelos alunos no ERE, a compreensão por professores de que a tecnologia pode ser uma aliada e não um empecilho ao ensino.

2 Fundamentação teórica

No transcurso da vida, cada indivíduo aprende a ser homem e se desenvolve psiquicamente, dado que não nasce provido das aquisições históricas da humanidade. A criança, desde o nascimento, está rodeada por um mundo objetivo elaborado pelos homens, portanto começa o seu desenvolvimento psíquico em um mundo no qual se depara com a linguagem e, no percurso de seu desenvolvimento, faz dela a sua língua.

Em conformidade aos pressupostos da THC, especificamente no que se refere à aprendizagem da escrita, destacamos que o seu ensino é função da escola e papel do professor, a quem compete oportunizar situações de ensino intencionais para promover a aprendizagem desta complexa linguagem. Para tanto, é imprescindível propor situações de convívio com a leitura e com a escrita, movidas pela necessidade, pelo desejo de expressão e pelo cumprimento da sua função social.

Dessa forma, a escrita não chega à criança como algo imposto, determinado, sem significado, o que nos permite afirmar que lhe é ensinado o verdadeiro sentido da língua escrita e não apenas a “desenhar letras”, como afirma Vigotski (2009) ao criticar a forma como as escolas russas ensinavam as crianças a ler e a escrever no início do século passado. O autor, apresenta uma analogia entre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e o processo de aprender a tocar piano, em que “o aluno desenvolve a destreza de seus dedos e aprende quais teclas deve tocar ao mesmo tempo que lê a partitura; no entanto, ele não está, de forma nenhuma, envolvido na essência da própria música (VIGOTSKI, 1989, p. 119-120).

Com essa analogia, entendemos que o processo de apropriação da linguagem escrita requer que a criança a compreenda e a utilize considerando a função social. Mas, como pensar todos estes conceitos e princípios com o ensino remoto?

3 Metodologia

Nessa pesquisa, nos apoiamos no entendimento de que o papel da escola, da organização do ensino e do processo de aprendizagem é, como destaca Saviani (2015, p. 288), viabilizar a “[...] apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola”. Partindo dessa compreensão, durante a pandemia, promovemos estudos remotos, acerca das orientações teórico-metodológicas para o encaminhamento de práticas pedagógicas que envolvem a apropriação da linguagem escrita.

Adotamos estratégias e instrumentos para fomentar a integração com os alunos e deles com o conteúdo, com sessões de estudos e leituras dirigidas de textos, debates com base nas referências indicadas para gerar discussões por meio de questões problematizadoras e atividades complementares.

Foram promovidos momentos de diálogo e formação com os participantes, estabelecendo canais de integração direcionados a reflexão e aproximação da teoria e prática, pensando nos conteúdos, alunos e objetivos a serem alcançados, integrando Ensino, Pesquisa e Extensão.

4 Resultados e Discussão

O ensino da escrita e reescrita de texto em sala de aula tem sido um grande desafio ao professor. Esse desafio ganhou proporção, ou melhor, intensificou-se no período de pandemia. Se presencialmente, envolver os alunos em práticas de linguagem exigia do professor conhecimento teórico-metodológico, no contexto de ensino remoto emergencial, isso encontrava-se ainda mais evidente. O ERE, “[...] obrigou professores e alunos a se apropriarem de ferramentas digitais para seguir com o ensino [...]” (OLIVEIRA, CORRÊA, MORÉS, 2020, p. 11).

Mediante essa circunstância, elaboramos uma proposição de curso de extensão, tendo em vista, por meio de estudos remotos, promover a compreensão acerca das orientações teórico-metodológicas para o encaminhamento de práticas pedagógicas que envolvessem a apropriação da linguagem escrita, bem como oportunizar reflexões acerca da prática pedagógica quanto a escrita e reescrita de textos.

A princípio, a proposição considerava a temática para o contexto de ensino presencial, no entanto, o momento exigiu que nossas discussões fossem revistas e que novas elaborações sobre o ensino da escrita e reescrita de texto fossem pensadas, já que professores e alunos encontravam-se distantes fisicamente e geograficamente.

Para a discussão teórica dos temas, fora oportunizado cinco encontros de estudos, com duração de duas horas, sobre os princípios da Teoria Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, no que concerne a linguagem escrita, percorrendo os gêneros e as tipologias textuais como possibilidade formativa para a apropriação da linguagem escrita.

No decorrer do percurso, algumas inquietações foram observadas, haja vista que o momento requeria de o docente organizar o ensino a partir das ferramentas tecnológicas ofertadas. Comungando da necessidade expressa, fundamentadas nas discussões elencadas, propomos ao coletivo que ao final do curso apresentassem proposições de como organizar o ensino da linguagem escrita, em específico da escrita e reescrita de texto, considerando o contexto atual ao qual vivíamos, ou seja, o ERE.

Ao longo dos encontros dialogamos acerca do tema em evidência, discutindo-o como possibilidade para o ensino presencial e também refletindo sobre a probabilidade de encaminhá-lo remotamente. Consideramos pertinente destacar a expressiva participação dos sujeitos envolvidos, tanto verbalmente quanto com registros no *chat* acerca da discussão proposta.

A fim de expor algumas proposições de ensino da escrita e reescrita de texto corroboradas pelo grupo, trazemos alguns exemplos:

“Proposta 1 (3º ano) - Como proposta de reescrita de texto em tempos de aulas remotas sugiro uma estratégia de ensino que envolvem seis passos:

- *O professor primeiramente deve explicar passo a passo a estrutura de um gênero de texto a ser trabalhado utilizando exemplos;*
- *Em seguida, o professor propõe a escrita de texto coletiva (professor e alunos);*
- *Após os alunos devem produzir um texto, exercendo a prática individual;*
- *Para a primeira correção, os alunos deverão corrigir o texto um do outro. Para isso, o professor deve enviar um texto produzido por um aluno da sala para outro aluno, promovendo a troca de conhecimento, desenvolvimento, crescimento e além de tudo a socialização;*
- *Na sequência, o professor levanta os erros mais comuns observados durante a correção dos textos produzidos pelos alunos, e expõe de maneira coletiva;*
- *Para finalizar, o professor aponta os erros e envia os textos para os alunos solicitando a correção”.*

Vemos na elocução da docente que é possível encaminhar o ensino da escrita e reescrita de texto em sala, remotamente, porém, ao professor cabe além da proposição, a preocupação com o detalhamento das ações, haja vista que por encontrar-se distante do aluno, trazer minuciosamente o que ele terá que realizar colabora com a execução da atividade. Outra evidência no relato, refere-se à intencionalidade da docente ao propor a

reflexão sobre a língua, ou seja, a análise e correção dos textos pelos alunos, que exige do discente conhecimento linguístico, aprimoramento vocabular e capacidade leitora.

Prosseguindo com os exemplos oportunizados pelo grupo para pensarmos o ensino da escrita e reescrita de texto remotamente, trazemos a segunda proposição voltada a turmas de 5º anos. Vejamos o que diz:

“Para esse momento remoto, pensei em pedir aos alunos para escreverem um diário. Nesse sentido, a proposta se enunciaria da seguinte maneira:

Sabia que existe uma forma de registrarmos os acontecimentos para nunca mais nos esquecermos? Para isso utilizamos o diário, pode ser um caderninho ou até mesmo uma agenda para que todos os dias você conte o que ocorreu. Assim, como proposta para hoje, você irá nos contar como foi seu dia, suas ações, acontecimentos... Não esqueça de nenhum detalhe!

Para a reescrita desta proposta enunciada anteriormente, a sugestão é de que a professora articule a "troca" (virtualmente ou impresso) do registro diário entre os alunos. Assim, ambos fariam a leitura, correção e anotariam possíveis impressões sobre a rotina do colega, escrevendo um recadinho final que possibilita uma conexão, como nas aulas presenciais”.

A proposta apresentada, primeiramente, entende a linguagem como língua viva, que possibilita escrever sobre experiências e estabelecer interlocutores. Segundo, existe a preocupação em mobilizar o sujeito para a condição/ato de escrita, o que expressa a compreensão de que a escrita precisa ser apresentada como necessária à constituição do indivíduo e não imposta como um ato de mãos e dedos, em que se reproduz comandos direcionados pelo adulto/professor.

Por fim, trazemos um terceiro exemplo apresentado como possibilidade de trabalho com a escrita e reescrita de texto, destinado às turmas de 1º ano de escolarização.

“Nesse primeiro trimestre um dos gêneros textuais a serem trabalhados foi a LISTA. Como proposta de produção de LISTA, após já ter explicado por vídeos como é a produção de uma LISTA e enviado pelo WhatsApp [...] eu enviei uma foto de uma panela no grupo e solicitei que as crianças fossem até o local da casa deles onde se guarda esse objeto. Em seguida, cada criança deveria observar o que mais havia na "cozinha" e deveriam tirar uma foto e enviar por escrito (tentativa de escrita) o nome do objeto que havia nesse ambiente da casa que escolheu. Anteriormente, foi conversado com os responsáveis para que eles deixassem as crianças explorarem a escrita, sem realizar a "correção" (deveriam deixar do jeitinho deles). Foram 20 objetos escolhidos pelas crianças. Como correção da tarefa dada, eu fiz um vídeo reescrevendo cada palavra trabalhando a relação grafema-fonema das palavras. Na sequência, solicitei que as crianças (com a ajuda da família) escolhessem 7

palavras que trabalhamos e escrevem em etiquetas (agora da forma correta) e colassem nesses objetos”.

É notório na exposição, a preocupação com a proposição de práticas pedagógicas que gerem motivo, sentido e significado ao aluno, uma vez que nem toda atividade elaborada pelo professor é geradora desses elementos. Quando não há estes elementos, o aluno não encontra sentido em executar as ações e desiste de realizá-las no decorrer do processo. O relato da docente, permite-nos inferir que as situações de ensino precisam considerar o aluno em atividade, compreendendo que a necessidade individual gera o conhecimento social.

Leontiev (2006) comprova a necessidade destes elementos, descrevendo uma situação em que um estudante se preparava para um exame lendo um livro de história. De repente, é surpreendido por um colega que diz não ser necessária mais a leitura, pois não será cobrada no exame. Diante do comunicado ele poderia: deixar imediatamente de ler, continuar com a leitura ou desistir dela com relutância.

Se considerarmos os dois últimos casos, veremos que o conteúdo do livro estimulou por si mesmo o processo, ou seja, o conteúdo foi o motivo. Em outras palavras, havia naquele estudante alguma necessidade especial que alcançou satisfação ao dominar o conteúdo do livro, necessidade está de conhecer, entender e compreender o tema.

Ao considerarmos a possibilidade de o estudante abandonar a leitura, veremos que o motivo que o levou a ler o livro não estava no conteúdo em si, mas na necessidade de ser aprovado no exame. Logo, a leitura do livro possuía um outro fim: "Aquilo para o qual sua leitura se dirigia não coincidia com aquilo que o induzia a ler" (LEONTIEV, 2006, p. 68). Deste modo, a leitura não pode ser considerada atividade; a atividade em si está em ser aprovado, no caso representaria a satisfação de uma necessidade específica.

Depreender que a atividade se encontra nas relações que estabelecemos com o mundo, cuja intenção é atender as necessidades, é um avanço por parte do professor para conduzir o processo de ensino e aprendizagem da escrita e reescrita de textos nos anos iniciais de escolarização.

5 Considerações Finais

A pandemia e o ERE trouxeram dificuldades aos professores e à educação de modo geral. A transposição do ensino presencial para os meios digitais foi um desafio inédito ao qual não tivemos tempo para nos preparar, mas foi o possível.

Ao relatamos uma experiência formativa com acadêmicos de Pedagogia, esperamos repensar a docência em si, apontando formas de promover o ensino aprendizagem mesmo

fora das paredes de uma escola e/ou utilizando a tecnologia e os meios digitais como recursos didáticos.

Constatamos dificuldades e limites do trabalho com o ERE em muitos momentos, assim como algumas conquistas, tal como a continuidade dos estudos, a elaboração de encaminhamentos possíveis de serem desenvolvidos pelos alunos e a compreensão por professores de que a tecnologia pode ser uma aliada do ensino. Nesse sentido, é necessário discutir uma educação pautada no uso de meios digitais, visto que a pandemia evidenciou a importância de se dominar e empregar os meios digitais superando o uso a partir de um enfoque meramente instrumental em direção à promoção da aprendizagem e desenvolvimento.

Quando pensamos nesses aspectos, destacamos as implicações que este uso pode ter no ensino da escrita e da reescrita de texto, pois nos relatos apresentados podemos observar que este ensino demanda intencionalidade, organização, sistematicidade e trabalho dos envolvidos - professores e alunos.

Referências

- ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid. *EmRede*, Porto Alegre, v.7, n.1, p.257- 275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 20.mai. 2021.
- LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006.
- OLIVEIRA, J. L. Ensinar e Aprender com as Tecnologias Digitais em Rede: possibilidades, desafios e tensões. **REDOC**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 161-184, maio- ago. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/33476>. Acesso em 21 de abr. 2021.
- SAVIANI, Dermeval. **Sobre a Natureza e Especificidade da Educação**. Salvador, v.7, n.1, p. 286-293, jun. 2015.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.